

Nova ordem

Fernando Henrique Cardoso assumiu ontem a Presidência da República num clima de expectativa favorável que seus antecessores, recentes e remotos, não conheceram. Não há ruptura em relação ao governo que sai, de Itamar Franco. Pelo contrário, há, entre ambos, um firme e conhecido elo: o Plano Real. Não é pouco.

Foi o real o responsável pela eleição, já no primeiro turno, do novo presidente. E é o sucesso do Plano a causa da expectativa confiante da população. Fernando Henrique não está, como Fernando Collor, diante do desafio de administrar esperanças irresponsavelmente semeadas na campanha.

Não prometeu nenhum Nirvana à vista. Com a autoridade de quem gerenciou um plano de estabilização viável, comprometeu-se em levar adiante as reformas, remodelando o perfil do Estado brasileiro. A confiança que o presidente inspira à maior parte da população advém exatamente de seu perfil moderado, avesso à terapia do susto. Até aqui, nenhum de seus gestos — inclusive o Plano Real — pegou de surpresa a população.

Quando detonou, como ministro da Fazenda de Itamar, o Plano de Ação Imediata, que precedeu o Plano Real, foi acusado de ter concebido uma abstração, já não mudava leis, contratos ou procedimentos. O plano era apenas um discurso de intenções, que preparava o terreno para as transformações efetivas do real. Poucos acreditaram. Acostumada aos truques e malabarismos dos ministros da Fazenda anteriores, a sociedade ficou à espera do truque — e o truque felizmente não veio.

Para espanto geral, aconteceu tudo exatamente como o então ministro da Fazenda anunciara. Antes do real, veio a URV e a gradual mudança de padrão monetário. Sem sustos ou falsetas. No curso da campanha eleitoral, falava-se que, consumada a vitória de Fernando Henrique, acabaria o encanto do Plano e nova explosão de preços aconteceria. Não aconteceu. Ao contrário, baixou, pela primeira vez na história brasileira, o preço dos combustíveis.

Tudo isso favoreceu a imagem de Itamar Franco perante o público. Afinal, era ele o presidente, sem cujo aval não haveria Fernando Henrique, Plano Real e tudo o mais. Por isso, o ex-presidente deixou o poder com um índice de aprovação sem precedentes na história republicana. Mas favoreceu também, e muito, o novo presidente, cuja presença na economia deu início a uma nova era de confiança e credibilidade.

A posse de um novo governo, sobretudo um governo eleito pelo voto direto da esmagadora maioria da sociedade, é sempre um instante decisivo de otimismo e renovação. O

governo Fernando Henrique Cardoso adiciona a esse contexto favorável outro dado positivo: beneficia-se de uma transição suave, sem descontinuidade administrativa, fato inédito na história da democracia brasileira. O habitual eram adversários sucederem-se no poder, fazendo dos meses inaugurais estéril período de retaliações.

Desta vez, felizmente, o país está sendo poupado. A agenda de reformas foi concebida com base em dados colhidos na administração que se encerra e merecem crédito, já que grande parte das fontes consultadas permanece no poder. A mão-de-obra técnica, notadamente na área econômica, foi preservada. Também no governo Itamar, foi possível auscultar setores da sociedade a respeito de questões cruciais que lhe dizem respeito. As reformas política, econômica e social, projetadas para se realizarem no mais curto período de tempo, estão prontas para serem oferecidas ao exame do Congresso.

Sabe-se que há ampla discussão pela frente. O projeto do presidente Fernando Henrique é ambicioso: quer dotar o Brasil de nova ordem constitucional, via reforma. Como está, a Constituição tem sido obstáculo à retomada do desenvolvimento e à reinserção do Brasil na ordem financeira internacional. Excesso de regulações na economia, protecionismos e visão corporativista aprisionam as energias criativas do país e o amarram ao anacronismo e ao subdesenvolvimento.

A correlação de forças políticas que elegeram Fernando Henrique Cardoso sinalizou claramente com a abertura da economia e a reforma do Estado, de modo a torná-lo enxuto e funcional. O discurso reformista, sem truques ou precipitações, foi o escolhido pela população, em oposição a um discurso radical e estatizante, sustentado pelo PT. É preciso dar consequência prática ao que foi prometido. E é preciso, acima de tudo, que o novo Congresso, a empossar-se dentro de um mês, esteja atento ao recado das urnas, para não frustrá-las mais uma vez.

O tempo que se inaugura, coincidente com o início do ano, não é propriamente tempo de amenidades. As reformas que se impõem são amplas e complexas, envolvendo interesses múltiplos e exigindo habilidade política de profissionais. A mão-de-obra recrutada por Fernando Henrique está, aparentemente, à altura do desafio.

São, no geral, nomes acreditados, pessoal e profissionalmente. Nenhum deles tem o perfil do desonesto. Somente a prática, no entanto, dirá do nível de entrosamento da orquestra. Os músicos são bons e o maestro é dos mais acreditados. Daí a expectativa positiva do público para o espetáculo que já começou: a era Fernando Henrique Cardoso.